



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Profeta Gentileza

O profeta Gentileza morou em Brasília na década de 1980; eu o vi diversas vezes no Restaurante Coisas da Terra, na W3 Norte, com a estampa de Cristo, os olhos alucinados e a tableta com o lema sagrado. Ele era uma artista conceitual, a sua frase mobilizou um movimento pela delicadeza nas relações cotidianas. “Gentileza gera amor e paz”.

Estava folheando o excelente livro-reportagem *O espetáculo mais triste da Terra — O incêndio do Gran Circo Norte-Americano*, de Mauro Ventura (Cia das Letras),

quando tropecei na história do profeta Gentileza. No momento em que o planeta parece assolado pelos loucos do mal, vale a pena evocar a trajetória de um louco do bem, tocado tão fundamentalmente pela paixão e pela bondade.

O nome de Gentileza no cartório era José Datrino. Nasceu em 11 de abril de 1917, na cidadezinha de Cafelândia, no interior de São Paulo. Quando tinha 12 anos, intuiu que constituiria família e patrimônio, mas abandonaria tudo para cumprir sua missão na Terra. A tragédia do incêndio do Gran Circo Norte-Americano o deixou tão compadecido com a dor das vítimas que teve uma revelação divina, ordenando que assumisse a personalidade do profeta Gentileza.

Associou o incêndio ao fim do mundo e expressou o espanto em versos: “O

profeta do lado de lá passou para o lado de cá/Pra consolar os irmãos que eram desconsolados/É isso que aconteceu, e o mundo é redondo e o circo arredondado/Por este motivo, então, o mundo foi acabado”.

Ele havia se tornado um pequeno empresário, dono de três caminhões. Pegou um deles, comprou 100 litros de vinho em Nova Iguaçu e dirigiu-se para Niterói. Lá, perto do circo, passou a brindar com todos.

Bastava pedir “por gentileza” (uma forma de colocar Jesus nas palavras, no cotidiano e no coração) e dizer “agradecido” (invocação da graça, do Espírito Santo de Deus). Ele transformou a gentileza em um caminho místico: “Pedindo por gentileza/E dizendo muito agradecido/E colocar-se logo/na porta do paraíso”.

Gentileza morou no terreno do circo, durante quatro anos, consolando os parentes das vítimas, que chegavam desesperados, alguns com desejo de se suicidar: “Vai, meu filho, seu papai, sua mãe, seu filhos estão no céu. Morreu o corpo, o espírito não”. Alguns, consolados, diziam: “Ah, seu Gentileza, parece que encontrei Deus aqui. Eu estava desesperado, querendo me jogar embaixo de um trem, e o senhor me consolou para o resto da vida”.

Em 1962, atraído pela fama de louco de Gentileza, o repórter Paulo Soares, do jornal O Fluminense, entrevistou o profeta da delicadeza: “És pobre?”, perguntou Saulo. Gentileza respondeu: “Somos”. E emendou com uma pergunta: “Quais são os brilhantes mais brilhantes dos brilhantes do mundo inteiro?”. E

continuou: “Você troca os seus olhos por 30 caminhões, iguais aos meus, cheios de brilhantes?” “Não”, replicou o repórter. E Gentileza comentou: “Então não és pobre, porque os teus olhos valem muito mais”.

Achincalhado, incompreendido e tachado de louco, Gentileza respondeu a seus detratores no documentário realizado pela dupla Dado Amaral e Vinicius Reis: “Qualquer um de vocês pode ser um maluco igual a mim. Sabe o que quer dizer maluco beleza? Quer dizer maluco da natureza, maluco das coisas divinas”. E ainda deu um remate: “Se eu fosse um pateta, não serviria para essa missão”.

Sempre que alguém me faz algum gesto de cordialidade, associo à história do profeta. Ela me revelou que a gentileza é mais do que um sinal de urbanidade; é um gesto carregado de pungente transcendência.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Companheira de Marcos, Antônia Lenilda também se interessa pela Idade Média

ENTRE A forja E A espada

Com uma coleção de 25 peças em ferro, morador de Taguatinga conta por que decidiu transformar a paixão pela temática medieval em hobby

» ARTHUR DE SOUZA

É possível existir alguém que, puramente por hobby, passe cerca de dois anos e meio dedicando-se à construção de uma armadura medieval completa, do capacete ao sapato de ferro? Esse nível de entusiasmo existe e preencheu, por cerca de 15 anos, a vida de Marcos Antonio da Silva, 64 anos, morador do Setor de Mansões de Taguatinga. O analista de sistemas aposentado só “pendurou o martelo” porque terá de se mudar com a família para uma casa menor, onde não haverá espaço para guardar novas peças.

A inspiração para criar os objetos começou quando ele entrou para um motoclub, em 2004. Aficionado pela temática medieval, naquele ano, Marcos Antonio conheceu um amigo que havia construído uma armadura para

usar enquanto andava de moto. A visão da cena trouxe de volta memórias da infância. “Quando eu tinha 10 anos, meu pai — armeiro de coração e por intuição — fazia espingardas, facas e garruchas de um modo bem artesanal. À época, eu o ajudava a rodar a forja. As faíscas do carvão batiam em mim, queimavam um pouco, e eu ficava bastante chateado. Não gostava e queria sumir dali. Hoje, porém, imagino aquela figura (o pai) mascando fumo e malhando ferro quente para dar forma a artefatos que minha imaginação de criança não entendia direito”, conta o aposentado.

Com essas inspirações e lembranças, o aposentado teve as primeiras ideias do que produzir. O trabalho com a forja começou com um capacete. “Resgatei na mente os ensinamentos paternos que eu havia ignorado e passei a construir artefatos medievais.

Dali em diante, iniciei a produção de uma armadura completa. Essa foi a que mais demorou. Comecei em 2006 e terminei na metade de 2008. Além dos detalhes (das peças), o fato de eu trabalhar fora naquele tempo colaborou para a demora. Mas, depois dessa, com mais prática, fiz outras duas. Cada uma demorou cerca de oito meses para ficar pronta”, detalha Marcos Antonio.

A maioria das armaduras e armas se tornaram itens de decoração; outras, contudo, funcionariam para combate, segundo ele. Orgulhoso dos trabalhos feitos, Marcos Antonio conta que aprendeu tudo sozinho, pois não tinha quem o ensinasse. “Eu assistia a vídeos na internet e pegava fotos para fazer os detalhes. Só que eu tinha de imaginar como seriam as curvas, porque, na imagem — que é plana —, não dá para ter noção de profundidade. As vezes, eu

perdia duas ou três peças por precisar refazê-las”, comenta.

Depois de elaborar cerca de 25 objetos, Marcos Antonio decidiu se aposentar do hobby. “Parei de construir as armaduras em 2019. Minha esposa e eu estamos pensando em nos mudar para uma casa menor. Então, não haveria espaço para guardar mais peças”, lamenta o ferreiro e armeiro autodidata. Ao receber a reportagem e mostrar uma invejável coleção, ele revela as criações que considera mais especiais: “A última armadura que fiz, usando como modelo uma que a rainha Elizabeth I da Inglaterra fez para um soldado, e uma que construí para minha esposa”.

Companheira de Marcos Antonio, Antônia Lenilda, 65, divide o interesse pelo assunto com o marido. Enquanto ele elaborava as peças de ferro, ela confeccionava

as vestes usadas por baixo das armaduras. “Foi muito por influência dele que me interessei mais pelo assunto. Uma vez, fizemos um jantar medieval com os convidados vestidos com roupas da época. Costurei, também, para quem não tinha conseguido alugá-las poder participar e ficar a caráter. Agora, dei uma parada (na atividade), assim como o Marcos. Mas, se precisar, posso fazer uma ou outra, até porque é mais fácil de guardar do que uma armadura”, brinca a professora aposentada.



Marcos Antônio da Silva buscou inspiração no pai, que era armeiro, para construir artefatos medievais, como armaduras, facas e capacetes

